temática
ISSN|1807-8931

A memória participativa e a memória digital no contexto da Web 2.0: o caso da Segunda Guerra Mundial

The participative memory and the digital memory on the Web 2.0 context: the Second World War case

Isabella GONÇALVES[1]

Resumo

No século XXI, com a quantidade massiva de dados no contexto de *Big Data*, os seres humanos confiam, a cada dia mais, nos dispositivos tecnológicos para o arquivamento de documentos, fotos e outras informações de relevância. Diante dessa realidade, uma questão que parece urgente é perceber as transformações da memória coletiva a partir da *Web 2.0*. Nessa perspectiva, dois temas permeiam o trabalho: as tecnologias da memória; e a memória participativa. Além de abordar reflexões teóricas, este artigo pretende trazer uma cartografia de iniciativas participativas voltadas para a rememoração da Segunda Guerra Mundial no *Twitter*.

Palavras-chave: Tecnologias da Memória. Memória Participativa. Memória Digital. Twitter. Segunda Guerra Mundial.

Abstract

Because of the massive amount of data in the Big Data context, human beings trust increasingly in the ICTs to the information archival. Considering this reality, a question that seems urgent is to understand the collective memory's transformations in the digital era. Therefore, two themes are relevant to this paper: the technologies of memory and the participative memory. To do so, this articles approaches the theoretical reflections and brings, as example, a cartography of the participative initiatives related to the Second World War's remembrance at *Twitter*.

Keywords: Technologies of memory. Participative Memory. Digital Memory. Twitter. Second World War.

[1] Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória. E-mail: isgoncalvess@gmail.com

Introdução

Atualmente, estamos mergulhados em um ecossistema digital. No mundo contemporâneo, a digitalização foi responsável por alterar a condição habitativa, modificando, assim, a própria ecologia. Nessa perspectiva, para pensar acerca da realidade social, é necessário se deslocar da lógica técnica ou sócio-técnica, já que as transformações foram muito além da simples mediação entre tecnologia e pessoas. Nesse novo contexto, a própria definição do social eurocêntrica é colocada em jogo, sendo necessário, dessa forma, entender a comu=' nicação e outras disciplinas de uma forma integrada, por vivermos, hoje, em uma nova ecologia, responsável por interligar, por meio de fluxos informativos, tudo o que existe (DI FELICE, 2017).

Ora, diante dessa realidade de distintas disrupções, que se aceleram a cada dia mais, à medida em que novas tecnologias emergem e transformam as formas de vivência, é natural refletir sobre a própria transformação da memória. Nos pensamentos sobre este campo teórico, temos como grande referência Halbwachs (2013), que trazia o conceito da memória coletiva, ao alegar que a memória individual faz uso de uma memória de um conjunto de pessoas, não implicando, entretanto, necessariamente na presença dos membros deste grupo, sendo necessário carregar, na mente, apenas o pensamento do ponto de vista de tal coletivo.

De acordo com Hoskins (2009), ao refletir sobre o conceito da memória coletiva, é possível pensar que tal relação entre indivíduos e grupos se tornou ainda mais profunda no contexto da Web 2.0, a segunda geração de serviços responsável por permitir a participação dos usuários, por meio da disponibilização e produção de conteúdos *online*. Agora, estamos diante da emergência de novas formas memoriais e culturais, que afetam a textura do passado, sendo ele mantido e reformatado por meio dos fluxos informacionais.

As discussões sobre a memória digital e acerca das tecnologias da memória, portanto, não se restringem apenas à complexidade do arquivamento e da preservação, temas estes por si só já complexos, mas agregam também a própria transformação social do lembrar e do esquecer. Nesse novo contexto, a memória é mediada, havendo, para tanto, a constante negociação entre o pensamento pessoal e aquele que é interpelado

pelas tecnologias emergentes, aquelas formatadoras do passado, que se torna, a cada nova mediação, sempre novo.

Diante de tais reflexões, o objetivo deste artigo é o de abordar as transformações dessa memória, em um contexto de disruptivo, e refletir acerca de como as redes sociais, definidas, neste trabalho, como tecnologias de memória, configuram uma nova forma de lembrar e esquecer. Para tanto, serão abordadas as iniciativas de memória participativas, permitidas por essas novas redes, diante dessa nova ecologia cognitiva.

Tecnologias da memória

Em seu livro Tecnologias do Imaginário, Juremir Machado da Silva elenca as diferentes tecnologias responsáveis por auxiliar na construção do imaginário ao longo do tempo. Segundo o pesquisador, estes dispositivos podem ser classificados enquanto livros, cinema, televisão, computador, dentre outros. Tratam-se, então, de ferramentas midiáticas que atuam na construção de significados, identidades e do próprio imaginário social (SILVA, 2006). Dessa forma, tais máquinas são responsáveis por intermediar a relação do homem com o mundo, atuando, assim no sistema de construção simbólica (DUBOIS, 2004).

Ora, ao refletir sobre esses dispositivos, é possível afirmar que eles se tratam, além disso, de tecnologias da memória, uma vez que são também fundamentais para a formação de memórias, sejam elas individuais ou coletivas. O conceito de tecnologias da memória, entretanto, não é novo, tendo já sido utilizado por Van House e Churchill (2008). Já no início dos anos 2000, as pesquisadoras se atentaram para a transformação da dialética do lembrar e do esquecer a partir dos dispositivos tecnológicos. Segundo elas, "tanto a memória pessoal, quanto coletiva dependem, em parte, dos documentos do passado e das nossas tecnologias e práticas do lembrar"[2] (VAN HOUSE e CHURCHILL, tradução nossa, 2008, p. 295).

Sturken (2008) elenca em seus estudos algumas dessas tecnologias. Para ela, são tecnologias da memória objetos como souvenirs, assim como tecnologias de massa e meios de comunicação, sendo estes últimos cada vez mais visuais. A pesquisadora alega

[2] Tracho original: (...) what is remembered individually and collectively depends in part on technologies of memory and the associated socio-technical practices, which are changing radically.

que as memórias individuais e culturais estão constantemente em produção, sendo elas mediadas por tais dispositivos. Nessa mesma perspectiva, Van House e Churchill (2008) trazem, como argumento básico, a concepção de que aquilo que é lembrado individualmente e coletivamente depende, em parte, dessas tecnologias da memória e de suas práticas sociais-tecnológicas associadas, estando tudo isso em constante transformação ao longo do tempo.

A primeira dessas tecnologias foi a própria invenção da escrita, grande disrupção tecnológica que colocou em choque a relação do homem com a oralidade. Sócrates tinha uma percepção negativa acerca de tal ferramenta, acreditando que ela poderia gerar a ignorância, por meio da produção do esquecimento. De fato, a relação do indivíduo com a memória, na Grécia Antiga, era distinta daquela encontrada na atualidade. Sem os livros, havia a necessidade da confiabilidade na memória cerebral, que era engatilhada a partir da relação associativa do homem com emoções, espaços e objetos. Os sumérios, então, a partir da palavra escrita, possibilitaram o arquivamento. Desde então, o homem pôde confiar em outras ferramentas para a memória. (RUMSEY, 2016).

O esquecimento total, em si, não ocorreu, como o pensador previra, mas houve, de fato, uma transformação da relação do sujeito com a memória. A partir da escrita suméria, o indivíduo pôde contar com a organização e o armazenamento dos arquivos. Posteriormente, o ser humano vivenciou a transposição dessa escrita para o papiro e, mais tarde, para os livros. Tais inovações trouxeram maior mobilidade para esse arquivo, já que livros podem ser facilmente transportados, ao contrário das superfícies rochosa utilizadas anteriormente. Posteriormente às essas tecnologias da leitura, outras disrupções surgiram, como as “máquinas de imagens”, definidas assim por Dubois (2004). São elas câmeras fotográficas, a televisão e o cinema. Tais tecnologias mudaram a relação do homem com a imagem, tendo sido responsáveis, assim, por transformar discursos.

Esses novos dispositivos foram responsáveis por modificar a relação do homem com o tempo, criando uma aceleração e, consequentemente, uma mobilidade. Por meio da TV, por exemplo, o indivíduo pôde acessar, ao vivo, aquilo que acontecia do outro lado do globo. Uma das explicações para a efervescência de 1968 nos diferentes polos, por exemplo, foi justamente a nova configuração trazida pela televisão. Essa mobilidade e essa aceleração, nesse sentido, só foi aumentando com o passar dos anos, sendo que

hoje chegamos aos *smartphones*, tecnologias denominadas em alemão, por exemplo, como *Handy*, uma própria extensão da mão, como o nome sugere. Vale lembrar que o conceito de extensão, entretanto, foi primeiramente abordado por McLuhan (1974), que defendia a tese de que as tecnologias passam a atuar como parte do corpo humano, alterando, assim, a experiência sensória. Com os celulares, entretanto, isso fica ainda mais evidente, já que ele é levado para todos os lugares e se torna parte indispensável do dia a dia, sendo o último objeto a ser visto antes de o indivíduo dormir e o primeiro a ser utilizado ao acordar.

Para Oksman e Rautianinen (2003), o celular atua como uma forma de memória digital e, por seu caráter móvel, tem se portado, cada vez mais, como extensão. Nessa perspectiva, Reading (2009) traz o conceito de *memobile*, palavra traduzida na combinação de *me* (eu) com *mobile* (móvel) e meme[3]. Para a pesquisadora, os celulares são responsáveis por reconfigurar a experiência humana no tempo e no espaço, em especial diante da facilidade do acesso e armazenamento de conteúdos. Dessa forma, tais tecnologias são responsáveis, assim, por provocar alterações na relação do homem com a memória. Na indústria dos *smartphones*, por exemplo, a própria dimensão memorial se tornou central para o desenvolvimento tecnológico e para as estratégias de venda.

Nesse sentido, tais tecnologias da memória permitiram que a organização material do mundo fosse substituída para uma imaterial, caracterizada pela fluidez. Dessa forma, a informação eletrônica tem se tornado central, seja no contexto social, econômico ou cultural. Esta nova configuração, portanto, foi responsável por modificar a memória coletiva e influenciar projetos de lembrança e esquecimento (IBRAHIM, 2018). Bauman (2003) descreveu essa sociedade como líquida, sendo ela caracterizada, nesse sentido, pela ausência de estabilidade e pela presença constante da incerteza. Diante dessa instabilidade, vivemos, hoje, um "boom da memória", uma vez que buscamos, no passado, essa âncora que a cultura presentista é incapaz de nos entregar. Diante disso, vivemos uma constante comercialização da memória, estando a temática memorial presente, inclusive, nas discussões políticas.

[3] Em 1976, Richard Dawkins criou o termo meme, sendo ele análogo à memória, assim como o gene é na genética. Tratam-se de unidades de informação que se multiplicam, podendo eles serem ideias, sons, imagens, valores, línguas, dentre outros.

A memória participativa

Para Van House e Churchill (2008), vivemos, hoje, em uma sociedade que confia, cada vez mais, nos materiais digitais, fato que é ainda mais impulsionado pela facilidade com que um material pode ser digitalizado, replicado e distribuído. Todo esse contexto tem gerado mudanças profundas em como nós conceituamos a memória, os nossos arquivos coletivos e pessoais e nas próprias visões sobre a permanência. Vivemos, hoje, uma utopia da memória infalível, que se contrasta com a noção de uma memória humana não confiável, falível. Diante disso, somos seduzidos pela promessa de que poderemos acumular e armazenar tudo.

Outra promessa trazida pelo século XXI é a da cultura participativa (JENKINS, 2008), já que a partir da Web 2.0, os usuários se tornam prosumidores, ou seja, ao mesmo tempo em que consumem conteúdo, também podem produzir. De acordo com o pesquisador, nessa nova lógica, os indivíduos se tornaram participantes ativos, interagindo uns com os outros de acordo com novas regras. São, assim, consumidores que também produzem, espectadores que participam e leitores que também escrevem. Tal realidade, por sua vez, foi responsável por gerar a uma quantidade massiva de informações e dados.

O contexto é otimista, no sentido de possibilitar a emergência de novas vozes, aquelas muitas vezes silenciadas anteriormente. O mercado editorial do passado tinha, como ônus, o seu filtro, que deixava muito conteúdo para trás. Tudo isso é modificado na nova ecologia digital. De acordo com Rumsey (2016), no mundo digital, diante do maior acesso, temos a sensação de termos perdido a restrição editorial. Entretanto, perdemos o filtro de anteriormente. Nesse novo contexto, nem sequer sabemos, ao certo, o que significa a palavra “publicar”.

Entretanto, esta nova realidade traz a dificuldade de uma nova curadoria, por tornar-se cada vez mais difícil selecionar aquilo que deve ser consumido. Com isso, vivemos, hoje, afogados em diversos conteúdos, fato que tem gerado uma constante crise de atenção e problemas relacionados à saúde mental, tais como ansiedade e depressão. Há estudos, além disso, que procuram entender os efeitos dessa nova lógica na memória humana.

De acordo com Crary (2013), na modernidade, é possível afirmar que existe uma crise de atenção, uma vez que o capitalismo incentiva estímulos que provocam a distração. Diante disso, tal sistema foi responsável por recriar a experiência sensória, revolucionando, assim, os meios da percepção. Tal fato ocorreu, uma vez que o sistema exige que tomemos como natural a alternância rápida de atenção de uma coisa a outra. Nesse sentido, o capital, ao acelerar a troca e a circulação, produziu necessariamente esse novo tipo de adaptabilidade humana e se tornou um regime de distração, repleto de modificações, havendo, assim, a perpetuação de um processo transitório, que nunca teria pausa para a subjetividade individual se acomodar e se acostumar com a nova realidade.

De fato, as problemáticas da Web 2.0 são inúmeras, mas há, também, os lados positivos, como o da própria memória participativa. Anteriormente, com a restrição editorial e arquivística, as instituições determinavam aquilo que deveria ser lembrado ou esquecido. O que era preservado, assim, perpassava pelo que o poder considerava importante. Em uma palestra proferida em 2017[4], por exemplo, a historiadora Rumsey relatou que fez uma pesquisa na União Soviética. Na época, o governo acredita que a informação era propriedade do estado, havendo, assim, restrição ao que poderia ser ou não acessado por visitantes ou cidadãos. Esteve fenômeno, segundo ela, poderia gerar uma amnésia cultural, já que a memória é a ferramenta humana para a intencionalidade. Ela é necessária, assim, para a formação do imaginário cultural, influenciando as decisões políticas e sociais de uma sociedade. Ao ser restringida por instituições, dessa forma, muito pode ser perdido.

Nesse sentido, a Web 2.0, a partir do aumento do acesso às informações, possibilitou a emergência de arquivos, bibliotecas e museus digitais, sites com conteúdos alternativos, além de outras iniciativas que desafiam os discursos institucionalizados. Além disso, as próprias redes sociais, como o *Facebook*, *Twitter* e o *Instagram* foram fundamentais para o nascimento de outras narrativas, sendo elas primordiais, atualmente, para a efervescência de uma "memória subterrânea" (POLLACK, 1989). Ou seja, tais redes possibilitam uma "história vista de baixo" (THOMPSON, 1966), havendo, para tanto, protagonistas até então esquecidos pela história institucional, aquela com H maiúsculo, a História dos vencedores, e não dos

[4] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FBrahqg9ZMc

vencidos; a História dos grupos privilegiados, que detém historicamente poder e determinam aquilo que deve ser lembrado ou esquecido.

Naturalmente, tal lógica da memória participativa provoca uma disrupção na própria memória social, já que agora ela se torna fragmentária, não havendo, portanto, a facilidade de uma única via do lembrar. Diante disso, surgem outros "lembrares", responsáveis por desafiar a lógica e o discurso hegemônico. Para além disso, diante da obsessão atual pela memória, vivemos, nas redes, uma constante ressignificação e rememoração dos eventos do passado. Nesse sentido, a cada novo *post* sobre um novo evento, há um novo acontecimento, já que ele se reconstrói em significados. Este é o caso, por exemplo, dos eventos traumáticos do século XX, que são sempre relembrados pelas narrativas midiáticas e pela própria cultura participativa. No *Twitter*, por exemplo, são inúmeras as páginas não institucionais que procuram rememorar, à sua maneira, os acontecimentos daquela época. Algumas delas serão elencadas neste artigo, de forma a ilustrar, de forma mais aproximada, o fenômeno da memória participativa nas redes sociais.

A memória participativa da Segunda Guerra Mundial no *Twitter*

O *Twitter* possui como característica a instantaneidade e a objetividade, fato demarcado pela sua limitação espacial (140 caracteres anteriormente e, agora, 280). As notícias, nesse sentido, circulam com agilidade, sendo a rede social uma ferramenta útil para jornalistas procurarem as suas pautas e se atualizarem, assim como cidadãos da sociedade. É comum, nesse sentido, que uma informação seja dada primeiramente pelo *Twitter*, para que, posteriormente, mais detalhes sejam entregues em outras redes sociais ou nos próprios sites de notícias.

Mesmo com seu caráter imediatista, entretanto, existem contas que recirculam conteúdos do passado, confrontando, assim, a lógica presentista da rede social. Dessa forma, determinadas páginas possuem cunho histórico e atuam como formas de rememoração. São esses, por exemplo, os casos da @WW2Facts; @WW2Today; e @RealTimeWWII. Todas essas contas relembram ou ressignificam os eventos do século XX de alguma forma, atuando, assim, como mecanismos de memória participativa, já que não estão ligadas a qualquer instituição memorial ou

governamental. Tratam-se, portanto, de indivíduos interessados em história que tiveram o interesse de contribuir com a publicização de tais informações.

O @WW2Facts traz fotos e fatos relacionados à II Guerra Mundial, estando disponível no *Twitter* desde 2012 e tendo sido criado por @kipreiserer, um estudante da Universidade do Kansas. A conta é atualizada várias vezes ao dia, havendo, principalmente, fotos marcantes da época, que trazem a data, o local e uma breve legenda com o contexto. Os conteúdos são variados, havendo postagens que fazem referência aos alemães, japoneses, norte-americanos, britânicos e italianos. Além das fotos, são também rememoradas reportagens da época, assim como charges publicadas.

A página possui 91 mil seguidores e já teve 5.000 *tweets* desde a sua criação. Além de darem *like* e *retweetarem* os conteúdos, muitos interagem com a página, fazendo os comentários com as suas impressões. Uma das postagens, por exemplo, publicada no dia 8 de dezembro de 2018, mostrava soldados alemães das divisões Panzer logo antes a um ataque contra Volga, em Stalingrado, no ano de 1942. Um dos usuários comentou: "Eles parecem meio confusos. Não tinham ideia do que os esperava!". Outro replicou: "Deve ter sido no verão, só estão usando jaqueta". E outro disse: "Antes do ataque? Parece que eles já foram ao inferno e voltaram."

A página @WW2Today procura rememorar os eventos da II Guerra Mundial. Neste ano, as postagens estão todas focadas em 1943, exatos 75 anos depois. A conta aproveita, assim, a data comemorativa. Para tanto, utiliza o recurso das efemérides, a partir da #OnThisDay (#NesteDia), que faz referência aos acontecimentos ocorridos nos dias respectivos aos de 1943. Em dezembro de 2018, a conta possuía 35 mil seguidores, e ela está ativa desde 2010, tendo 2819 *tweets*. Além do *Twitter*, o criador da página se dedica também a um blog, onde publica um conteúdo expandido daquilo que é *tweetado*, tratando-se, assim, de uma página também transmidiática. Ela foi criada por Martin Cherett, do Reino Unido, que se apresenta como não especialista da Guerra Mundial. Para ele, o blog é um processo de exploração e de aprendizado, estando, então, aberto a contribuições. Além disso, ele também criou uma *fanpage* no *Facebook*, que, ao final de 2018, contava com mais de 8000 seguidores.

No *Twitter*, são publicadas informações, dia a dia, do que aconteceu na Segunda Guerra Mundial, sempre acompanhadas pela *hashtag* já informada anteriormente. Em alguns casos, são *tweets* curtos, de apenas uma linha, com um *hiperlink* que redireciona

para o conteúdo completo no blog. Em outros, as postagens são mais longas, sendo seguidas por algumas fotos da época, como em um dos *tweets* do dia 7 de dezembro de 2018, que traz a informação: "7 de dezembro de 1943 - O quadragésimo quarto regimento real do tanque luta contra os Panzer IVs na Itália. Equipados com os Sherman Mk IIIs, eles mobilizavam a ajuda de tropas canadenses quando foram atacados" (@WW2Today, Tradução Nossa). Nesta página, entretanto, não há tantas interações quanto na @WW2Facts, mesmo com o número elevado de seguidores.

A @RealTimeWWII é a maior dentre as páginas citadas e possui, atualmente, mais de 500 mil seguidores. Ela está ativa desde 2011 e foi criada por Alwyin Collinson, um estudante de história de Oxford. A ideia do projeto é a de publicar os eventos da guerra no mesmo dia e na hora mais exata possível do acontecimento, durante os 6 anos do conflito. Atualmente, o projeto está em 1940, mas ele já perpassou de 1940 a 1945. Nesse sentido, a história está sendo novamente recontada, provavelmente com novas informações e ressignificações. Os *tweets* são publicados várias vezes ao dia, sendo alguns deles acompanhados por fotos. As postagens são curtidas, *retweetadas* e, em muitos casos, também recebem respostas.

A página não está centrada apenas nos acontecimentos principais da guerra, perpassando, além disso, por temáticas periféricas, não tão abordadas por produtos midiáticos. Em entrevista, Collin disse que algo muito especial no projeto foram "as inúmeras pessoas que compartilharam histórias de pais e avôs, além de diários e cartas que nunca tinham sido antes publicadas" (COLLIN, 2018, Tradução Nossa)[5].

Diante da fala de Collin, fica claro o desejo de indivíduos compartilharem as suas histórias, além de consumirem a de outros. Não há, assim, mais a escrita somente da história institucionalizada, a cientificista, que foi prometida no século XIX, enquanto reflexo de um pensamento relacionado ao positivismo e à ciência. Agora, nos voltamos para a história dos homens ordinários, aqueles que outrora foram esquecidos pelos discursos institucionalizados. Tudo isso ganha ainda mais força diante da cultura e da memória participativa, já que tais narrativas podem emergir e se fortalecer com ainda mais facilidade diante da *Web 2.0*. Essas páginas ilustram tais realidades, uma vez que

[5] Trecho original: "What's really made this special for me is the number of people who have contacted me, with stories from their parents and grandparents, to share diaries, letters and never-before-seen public documents". Disponível em: https://inews.co.uk/news/long-reads/realtimewwii-second-world-war-alwyn-collinson-twitter/

se trata de contas criadas por indivíduos que, anteriormente à internet, poderiam não ter tal repercussão. Atualmente, entretanto, contam com mais de 10.000 seguidores e possuem a possibilidade de ditar aquilo que deve ou não ser lembrado. Tratam-se, assim, de mais exemplos dos prosumidores dessa cultura participativa que também atuam na construção de uma nova memória digital.

Considerações finais

A memória social sofreu diversas transformações ao longo do tempo. As tecnologias da memória não são novas, tendo surgido, por exemplo, desde o início da escrita, com os sumérios, a partir da impressão de códigos em uma superfície, permitindo, assim, o arquivamento do conteúdo de uma forma nunca antes vista. A partir deste momento, passamos a confiar em tecnologias da memória, que passaram, dia após dia, a se tornarem cada vez mais móveis e aprimoradas.

A mais nova dirupção sofrida pela memória foi o processo de digitalização, que permitiu o surgimento de arquivos e bibliotecas digitais, havendo, assim, uma nova transformação na forma como lidamos com a preservação do conteúdo. Além disso, a partir das redes sociais e da cultura participativa, a memória deixou de estar centralizada nas mãos das instituições, deslocando-se, assim, também para os indivíduos. Nesse sentido, a lógica de construção, tanto da memória individual, quanto da coletiva, foi modificada.

Um desses reflexos foi o surgimento de páginas nas redes sociais, criadas por indivíduos, com o objetivo de rememorar e recircular os conteúdos do passado. Tais contas contribuem para trazer novas significações para a história, além de outras narrativas, já que outrora, os únicos responsáveis por fazer tais recirculações eram as instituições hegemônicas. Exemplos citados foram as páginas @WW2Facts; @WW2Today; e @RealTimeWWII.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 258p.

CRARY, J. **Suspensões da percepção:** atenção, espetáculo e cultura moderna. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

DUBOIS, Philippe. **Cinema, vídeo, Godard**. Cosac Naify, 2004. 328 p.

DI FELICE, M.. **Net-ativismo:** da ação social ao ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017. v. 1. 288p .

EVENTS FROM 1943. Disponível em: <https://twitter.com/WW2Today>. Acesso em: 9 de dezembro de 2018.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

HOSKINS, Andrew. The Mediatisation of Memory. In: GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna (Org.). **Save as... Digital Memories**. 1ª. ed. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 81-95.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, momentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

IBRAHIM, Yasmin. Transacting Memory in the Digital Age: Modernity, Fluidity and Immateriality. In: **Fudan Journal of the Humanities and Social Sciences**, [S.l.], v. 11, n. 4, p. 453-464, abr. 2018. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007%2Fs40647-018-0222-2.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência:** a colisão entre os velhos e os meios de comunicação / tradução Susana Alexandria. – 2. ed. – São Paulo: Aleph, 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** (Understanding Media). São Paulo: Editora Cultrix, 1974

OKSMAN, Virpi; RAUTIAINEN, Pirjo. Extension of the Hand:: Children's and Teenagers' Relationship With the Mobile Phone in Finland. In: FORTUNATI, Leopoldina; KATZ, James; RICCINI, Raimonda (Org.). **Mediating the Human Body - Technology, Communication and Fashion**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 103-111.

POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Revistas Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2. N. 3, 1989. p. 3-15.

READING, Anna. Memobilia: The Mobile Phone and the Emergence of Werable Memories. In: GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna (Org.). **Save as... Digital Memories**. New York: Palgrave Macmillan, 2009. p. 81-95.

REAL TIME WWII: Disponível em: <https://twitter.com/RealTimeWWII>. Acesso em: 9 de dezembro de 2018.

RUMSEY, Abby. **When are no more:** how digital memory is shaping our future? London: Bloomsbury, 2016.

SILVA, Juremir Machado. As Tecnologias do Imaginário. Porto Alegre: Sulina, 2006.

STURKEN, Marita. Memory, consumerism and media: Reflections on the emergence of the field. In: **Memory studies**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 73-78, jan. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698007083890>. Acesso em: 29 nov. 2018.

VAN HOUSE, Nancy; CHURCHILL, Elizabeth. Technologies of memory: Key issues and critical perspectives. **Memory Studies**, [S.l.], v. 1, n. 3, p. 295-310, set. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1750698008093795>. Acesso em: 29 nov. 2018

WORLD WAR 2 HISTORY. Disponível em: <https://twitter.com/WW2Facts>. Acesso em: 9 de dezembro de 2018.